

## O CACHORRO BARBUDO

A gente vai ficando velho e os amigos vão rareando: uns mudam de cidade, outros, deste mundo. Só os moços têm o poder da fácil aglutinação social, no estudo, no trabalho, no esporte, no amor.

Se alguém quiser definir a velhice, pode chamá-la de solidão.

Atualmente, tenho só meia dúzia de amigos, pois a maioria já embarcou para a eternidade. O que me salva é a família, os livros e jomais, a televisão e os sonhos sempre presentes das pescarias. Minha "tráia" de pesca é um primor e a trato como a uma namorada: com amor e carinho, mesmo porque já compreendi que "perto de um rio (ou do mar) é muito mais fácil encontrar Deus".

Vai daí, no fim do mês passado, resolvi rever o mar, depois de uma ausência de trinta e sete anos.

Arranjei uma casa de praia, gentilmente cedida pelo Dr. José Carlos Mazzilli amigão e sócio de um dos filhos. Comprei uns quilos de carne (com ágio) e me mandei para um lugarejo na beira do oceano atlântico e no sopé da montanha.

De cara, deslumbrei-me com a estrada Mogi das Cruzes - Bertioga, pois, quem mora no chapadão, fica de boca aberta

com os vales e montes. Depois, fui margeando a praia e enchendo o peito de ar puro. Tudo era bonito, até que chegamos a Boiçucanga (ou Boissucanga - nem sei como se escreve), que um caiçara informou significar cobra grande. Fiquei extasiado com a paisagem, com o mar verde - esmeralda, com os banhistas.

Vesti um velho calção samba-canção, pois não tenho mais físico para usar a sunga ou o "fio dental". Logo, pus a mão na água e ela era salgada mesmo. A casa do Dr. Mazzilli é um primor, principalmente porque o homem (além de excelente cirurgião) é pintor e decorou as paredes com sua arte. E a rotina se estabeleceu: mar, praia, churrasco, peixes e camarões, sono tranquilo, reencontro com a mãe natureza. E o tempo parou...

Depois de uns dias, quando eu estava sentado na área, ouvindo os pássaros, apareceu um cachorro vira-lata escarrado. Branco, magro, feio e barbudo, com uma barba branca mal cuidada. E porquê tivesse os olhos tristes (como os meus) dei-lhe umas sobras de carne, ossos e um pouco de carinho. Ficávamos os dois vendo o entardecer, sonhando cada um seus sonhos egoístas.

E chegou o dois de setembro, dia do meu aniversário, quando emplaquei sessenta e dois anos (porca miséria!). Os

filhos e as noivas baixaram em Boiçucanga, com comidas, vinhos e presentes. Estive muito feliz, mas alguma coisa estava faltando. Já era noite e o cão barbudo ainda não aparecera. Fiquei inquieto: que teria lhe acontecido, já que são tantos os descaminhos da vida? Risos, bolos, vinho, amizade... mas já era onze da noite e nada de meu vira-lata. Os filhos foram embora.

O dia de meu aniversário estava acabando e o barbudo não vinha. Fiquei mais um pouco na área, envolvido pela noite e pelos pensamentos. De repente, um vulto branco apareceu, todo molhado de água salgada, com forte cheiro de maresia. Estava visivelmente cansado e arfante. Abanando o rabo, de mansinho, chegou perto de mim e delicadamente, colocou aos meus pés um soberbo peixe, uma bela tainha. Depois, deitou-se no chão da área e ficou olhando minha cara, com seus olhos tristes. Não sei onde ele arranjou o meu presente de aniversário. Afaguei seu pelo branco e molhado e chorei.